

RESENHA

***ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER: UM DUALISMO INCONTORNÁVEL* Oswaldo Giacoia Junior**

**(Review of the book *Além do princípio do prazer: um dualismo incontornável* –
Oswaldo Giacoia Junior)**

Fernanda Nascimento Baptista

Mestranda em Filosofia PUCPR (Bolsista Capes)

Inserido em um projeto editorial que traz no nome o seu propósito (Coleção *Para ler Freud*), a obra de Oswaldo Giacoia Junior cumpre sua função dentro da proposta que o próprio título da coleção sugere. Na tentativa de apresentar aos leitores – principiantes, ou não – dos textos freudianos, Giacoia parte das bases da teoria psicanalítica, sua metapsicologia, para apresentar o dualismo pulsional como seu fundamento ontológico.

Intitulado *Além do princípio do prazer: o incontornável dualismo pulsional*, a obra apresenta-se com uma Introdução e com a subdivisão de três capítulos: “O princípio do prazer: dominância e derrogação”; “O sistema percepção/consciência e sua localização periférica no córtex cerebral” e, por fim, “Sobre o dualismo ontológico da metapsicologia”. Essa divisão de cumpre uma função dentro da proposta metodológica do livro, partindo da construção do princípio do prazer na obra freudiana até chegar ao seu questionamento formal em 1920; depois, no segundo capítulo, Giacoia analisa a relação entre os processos primários e secundários; e finalmente, apresenta o que chamou de dualismo ontológico da metapsicologia, trazendo ao leitor a análise das analogias que Freud opera em seu texto para firmar sua teoria nos “compromissos epistemológicos próprios à idéia de ciência presente em *Além do princípio do prazer*”. Em cada um deles o autor percorre principalmente a obra *Além do princípio do prazer*, que ocupa, segundo Giacoia, posição de destaque nos escritos de Freud dedicados às especulações metapsicológicas, sem deixar, no entanto, de situar o leitor na trajetória conceitual da obra freudiana.

Mais que apontar ambigüidades, continuidades e desvios da obra, o que Giacoia aponta de mais interessante é a compreensão da própria metapsicologia como “uma espécie de infra-estrutura (*Unterbau*) teórica da psicanálise” (p. 20). E pergunta-se, de início, sobre a relação etimológica entre metapsicologia e metafísica, já que a primeira deriva da segunda. Quais são, portanto, as relações possíveis entre elas? Dissecando a metafísica, chegamos à ontologia, caracterizada por Giacoia como a parte geral da metafísica que se ocupa dos “predicados universais de todos os entes existentes e possíveis” (p. 21), e a parte específica da metafísica dedica-se “ao estudo das idéias às quais correspondem objetos que não podem ser dados na experiência atual ou possível” (p. 21). A ontologia estaria vinculada, portanto, com questões típicas sobre “o modo de relação mútua daquelas entidades básicas” (p. 22). Seria, portanto, um estudo dos elementos basais, das entidades elementares, pressupostos fundamentais de qualquer teoria.

Admitindo uma relação entre a metapsicologia e a metafísica, a proposta do livro de Giacoia, valendo-se do que ele denominou de “comentário explicativo”, ou de “exercício de interpretação”, aponta para a necessidade da formulação de uma ontologia para a psicanálise, constituindo dessa forma seu “edifício teórico”. A metapsicologia apresenta-se no interior da teoria psicanalítica como “meras convenções”, no sentido de que é uma construção conceitual de cunho especulativo, mas que cumpre um “valor heurístico”, na medida em que guia a pesquisa empírica, sendo indispensável, portanto, a coerência entre as especulações e a experiência clínica. E Giacoia põe-se a demonstrar que esse edifício teórico freudiano estaria construído no próprio

dualismo entre as pulsões de vida e de morte, caracterizando-se como “a base ontológica da metapsicologia” (p. 23).

No intuito de apresentar ao leitor o conteúdo a ser analisado, o autor faz um panorama que localiza temporalmente a obra de 1920 e seus principais conceitos. O pequeno tratado que recebeu o nome de *O ominoso* (*O ‘estranho’* na edição *standard*), publicado em 1919, e que de certa forma põe em gestação muitos conceitos desenvolvidos em *Além do princípio do prazer*, em especial o de *compulsão a repetição*, introduz no leitor a suspeita lançada por Freud de que a própria compulsão à repetição se apresentaria “como o elemento constitutivo da natureza mais íntima de toda pulsão” (Giacoina, p. 17, 2008).

De acordo com Giacoina, a partir desse conceito já podemos ver o método analógico utilizado por Freud na construção de sua metapsicologia, na medida em que a compulsão à repetição pode ser observada de forma análoga: no comportamento infantil e nas psicopatologias tratadas pelo método psicanalítico. O que Giacoina mostra ao leitor é que Freud faz uso do regime de analogias ao longo de toda sua obra: por exemplo, quando relaciona processos vitais baseados nas pulsões de vida e morte com as funções biológicas de assimilação e dissimilação, também relaciona o princípio do prazer com o princípio de constância da psicofisiologia, entre outras analogias com o saber biológico da época. Giacoina aponta que o caminho trilhado Freud ao fazer essas analogias é o de buscar transformar a metafísica em metapsicologia, construindo relações provisórias, de cunho especulativo, sem, no entanto, perder sua base observacional na clínica psicanalítica.

Em se tratando de um livro que pretende lançar um comentário explicativo de *Além do princípio do prazer*, nada mais justo que dar início a essa tarefa com a própria noção freudiana de princípio do prazer. O autor nos lembra que o princípio do prazer “determina uma tendência e exerce influência sobre a atividade e sobre a finalidade da atividade psíquica [...]” (p. 25) e que também se relaciona com uma diminuição, ou eliminação da quantidade de excitação no interior do aparelho psíquico, sendo o seu inverso sentido como desprazer. O princípio do prazer participaria do corpo hipotético da teoria freudiana seguindo o método das analogias, já que Freud buscou na psicofisiologia as explicações para sua formulação. O apoio foi encontrado no princípio de constância, ou princípio físico de constância, de Fechner que “determina a tendência de manutenção das quantidades de energia no interior de sistemas mecânicos constantes” (p. 29). Com essa relação, Giacoina ilumina mais uma analogia estabelecida por Freud para sustentar sua metapsicologia.

É importante a relevância dada pelo autor a alguns obstáculos que surgem ao bom funcionamento do princípio do prazer. O primeiro deles seria a própria exigência natural de autopreservação, ocasionando uma transformação do princípio do prazer (processo primário) em princípio da realidade (processo secundário). Essa transformação, entretanto, não implica num abandono completo do prazer, mas tende a “adiar sua obtenção imediata, a renunciar a muitas possibilidades de alcançá-la, em proveito da produção de prazer mais efetivo, por longas e tortuosas vias indiretas, no entanto viáveis nas condições fixadas pelo mundo externo” (p. 33). Outros exemplos trazidos por Freud que contrariaria o princípio do prazer foram a fixação da vivência traumática e a repetição freqüente do episódio doloroso nos sonhos; na psicopatologia freudiana esses casos receberam o nome de neurose traumática. Os jogos infantis, como lembra Giacoina, apresentar-se-iam como um outro obstáculo à obtenção do prazer. No texto de 1920, Freud relata o famoso caso do jogo do carretel, ou o *fort-da*, em que a criança “reproduz, de modo repetitivo e compulsório, experiências de desprazer” (p. 36). Freud relata também a repetição de vivências penosas, em que as pessoas parecem viver de forma incessante a mesma experiência desprazerosa em vários momentos da vida. O exemplo que Giacoina relembra é o de uma mulher que escolhe sempre o mesmo tipo de parceiro, que a desagrada e fracassa sempre no mesmo ponto: Freud chamou esse obstáculo ao funcionamento do princípio do prazer de *eterno retorno do mesmo*, em alusão ao conceito nietzschiano. O último antagonismo seria a repetição

compulsiva, que acontece especificamente no tratamento analítico, “de experiências dolorosas vividas na primeira infância – tendo invariavelmente um conteúdo de natureza sexual – de algum modo ligadas ao romance familiar e à situação edipiana” (p. 39). Todos esses casos colocariam em questão a vigência do princípio do prazer; já que, mesmo que exista possibilidade de ganhos secundários com comportamentos repetitivos, no sentido de repetir para sair de uma posição passiva para uma atividade que permita obter o controle da situação (princípio de dominação), ainda assim Giacoia salienta que a “repetição, sobretudo se levarmos em conta o seu caráter compulsivo, é reprodução de uma experiência de desprazer – portanto, sua finalidade ou meta dificilmente pode ser remetida, de modo direto, ao princípio do prazer” (p. 45).

No segundo momento do livro, o autor analisa a hipótese freudiana de que o aparelho psíquico teria origem numa “hipotética forma de vida primeva”, denominada vesícula orgânica; esta, por sua vez, seria originada a partir da “atuação de forças físicas (elétricas) e químicas irradiadas sobre os corpos e materiais inorgânicos” (p. 51). A partir da necessidade de captação dos estímulos – externos e internos – forma-se na superfície do aparelho mental o sistema percepção/consciência, que cumpre a função de perceber as vivências como prazerosas ou penosas (desprazerosas). Dando seqüência, analisa a relação entre o processo primário e o processo secundário do funcionamento do aparelho, sendo que o primeiro seria o modo mais primitivo de funcionamento, seria o estágio da satisfação alucinatória; enquanto o segundo consistiria nas alterações da livre energia em catexias, ou ligações. Assim, Giacoia conclui que o princípio do prazer, e também o princípio de realidade como seu derivado, teriam como meta descarregar a quantidade de excitação afluyente no interior do sistema, levando o organismo de volta ao seu estado originário de repouso ou inércia, percebido por Freud como semelhante à morte.

O último capítulo trata dos esforços de Freud para aproximar sua hipótese de uma “prioridade ontológica da morte sobre a vida” (p. 65) junto às hipóteses da biologia, lembrando-nos do trabalho freudiano em *Totem e Tabu*, de 1913, de estabelecer analogias com os pressupostos da biologia e da antropologia para legitimar suas hipóteses acerca da construção da moralidade, da sociedade e da religião. Giacoia adverte o leitor que o problema que acompanha todo desenvolvimento da teoria das pulsões é a necessidade de se explicar a relação existente entre a compulsão à repetição e o princípio do prazer (p. 92). Para isso, retoma o ponto em que deu início à explicação de tal princípio:

o princípio do prazer deve ser considerado uma tendência instituída em proveito de uma das mais originárias e importantes *funções* do psiquismo, que consiste em liberar inteiramente o aparelho mental de excitações, conservar a quantidade de excitação constante nele, ou mantê-la tão baixa quanto possível” (p. 92).

Reafirmando, desse modo, que o princípio do prazer seria uma *tendência* do aparelho psíquico, operando a *função* de descarregar integralmente (princípio de Nirvana), conservar (princípio de constância), ou manter no nível mais baixo a quantidade de excitação do aparelho mental. Apresentando assim a hipótese freudiana de que as “pulsões erótica, ou de vida, seriam apenas *desvios permanentes* no caminho da morte” (p. 94), Giacoia reafirma o dualismo pulsional.

Na busca de legitimar essa assertiva, Freud percorrerá teorias como as de Weissman e Hering; e Giacoia destaca que Freud sempre levou até “às últimas conseqüências suas hipóteses metapsicológicas” (p. 85). E, como é do estilo freudiano recorrer aos diversos saberes, “a metapsicologia ousa recorrer ao mito porque, ao fazê-lo, satisfaz uma condição incontornável que uma vez suprida, fornece o elo teórico faltante” (p.87).

Assim, o que Giacoia oferece ao leitor é exatamente uma análise que valoriza o movimento da construção da metapsicologia, ressaltando a importância do regime de analogias que Freud faz uso. Valendo-se de diversos saberes para legitimar suas hipóteses, a teoria das pulsões freudiana mostra-se exemplar na tentativa incansável de estabelecer uma infra-estrutura para a

compreensão do aparelho psíquico, fundado no próprio dualismo entre as pulsões de vida e as pulsões de morte.

O texto de Giacoia torna-se interessante tanto para um principiante na obra freudiana, como para um já iniciado nos pressupostos psicanalíticos, na medida em que opera uma exposição dos conceitos de forma contextualizada com o conjunto da obra e oferece uma fértil interpretação da metapsicologia freudiana construída a partir do regime de analogias. E o autor deixa o leitor com uma citação que resume a proposta freudiana em relação à construção de uma teoria, convidando o leitor para a instigante e penosa tarefa de percorrer o movimento do pensamento freudiano, e relembrando-nos que a psicanálise foi construída lentamente, fundamentando-se nas suas convenções, sua metapsicologia, e na experiência clínica, estando a todo o momento passível de transformar-se. Nas palavras de Freud:

Devemos estar prontos, também, para abandonar um caminho que estivemos seguindo por certo tempo, se parecer que ele não leva a qualquer bom fim. Somente os crentes, que exigem que a ciência seja um substituto para o ceticismo que abandonaram, culparão um investigador por desenvolver ou mesmo transformar suas concepções. Podemos confortar-nos também, pelos lentos avanços de nosso conhecimento científico, com as palavras do poeta: *Was man nicht erfliegen kann, muss man erinken. Die Schrift sagt, es ist keine Sünde zu trinken*¹ (p. 75, 1920)

Além dos méritos de seu comentário explicativo, resta-nos ressaltar que o livro apresenta ao final uma bibliografia sintética com obras do próprio Freud e também de autores que trabalham as questões que auxiliam na compreensão da obra freudiana (para citar, autores como Joel Birman, Z. Loparic, Luiz Roberto Monzani e Renato Mezan presentes na relação), dando um suporte conciso e útil para o aprofundamento do leitor. O livro contém também uma cronologia de Sigmund Freud datando os principais acontecimentos de sua vida e obra, o que permite uma percepção contextualizada do próprio movimento de construção teórico da psicanálise. Ao leitor iniciante, o livro de Giacoia mostra-se como um interessante contato com conceitos fundamentais da obra freudiana, introduzindo-o com uma análise consistente da sua metapsicologia, tendo por base o texto de *Além do princípio do prazer*, que comumente é classificado como aquele que formaliza a virada da teoria das pulsões. E é exatamente pela consistência de sua análise que o livro consegue ultrapassar o caráter meramente introdutório sugerido pelo título da coleção, para tornar-se interessante também àqueles que já possuem uma leitura das obras do criador da psicanálise.

Notas

¹ Ao que não podemos chegar voando, temos de chegar manquejando (...) o Livro diz-nos que não é pecado claudicar.

Referência Bibliográfica:

GIACOIA, Oswaldo (2008). *Além do princípio do prazer: um dualismo incontornável*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Para ler Freud).

Recebido em 17/03/2009
Aprovado em 28/05/2009